

INCORPAR E ADOLESCER: O PULSAR DE UM CORPO EM METAMORFOSE E SUAS REPERCUSSÕES OCUPACIONAIS*

Incorporating and adollescer: the pulsar of a body in metamorphoses and their occupational repercussions

Incorporar y adollescer: el pulsar de un cuerpo en metamorfosis y sus repercusiones ocupacionales

Débora Ribeiro da Silva Campos
Folha

Terapeuta Ocupacional, Mestre em Educação, Professora Assistente II do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém/PA- Brasil
todeboracampos@gmail.com

Emmanuelle Vale Araújo

Terapeuta Ocupacional, Belém/PA- Brasil,
manu_vale95@hotmail.com

Jéssica Auzier do Carmo

Terapeuta Ocupacional, Belém/PA- Brasil
jeauzierto@hotmail.com

Resumo

O período da adolescência é caracterizado como uma fase de transformações físicas, psíquicas, sociais e ocupacionais. Diante da necessidade de abordar os adolescentes zelando pelo seu desenvolvimento integral e pelo pleno envolvimento deles nas ocupações que estruturam seus cotidianos durante a fase da adolescência, a terapia ocupacional pode ofertar possibilidades promissoras de cuidado a este público. Este estudo objetivou compreender quais as repercussões ocupacionais da vivência da adolescência e como as atividades corporais podem ser um recurso dos terapeutas ocupacionais para favorecer a compreensão destas. Tratou-se de um estudo qualitativo, de natureza exploratória e descritiva, com a participação de 28 adolescentes estudantes de duas instituições educacionais, uma pública e outra privada, na cidade de Belém (PA). A coleta de dados se deu por meio de uma entrevista semiestruturada e de 8 encontros nos quais foram realizadas vivências corporais. Os dados foram analisados a partir de uma análise categorial temática. Os resultados apontaram para a emergência de três categorias: Como os adolescentes compreendem a adolescência?; O que os adolescentes pensam e sabem sobre o corpo e a corporeidade?; Quais as ocupações que estruturam os cotidianos destes adolescentes? Destacamos a necessidade de desenvolver ações que promovam o entendimento das transformações corporais, psíquicas, sociais e ocupacionais as quais eles vivenciam nesta fase da vida. As atividades corporais oportunizaram a criação de um espaço potencial para trocas e construções de saberes e experiências promotoras do desenvolvimento humano e do engajamento em ocupações durante a adolescência.

Palavras-chave: Adolescência; Atividades corporais; Ocupações; Terapia ocupacional.

357

Abstract

The period of adolescence is characterized as a phase of physical, psychic, social and occupational transformations. Faced with the need to approach adolescents by ensuring their full development and their full involvement in the occupations that structure their daily lives during the adolescence phase, Occupational Therapy can offer promising possibilities of care for this public. This study aimed to understand the occupational repercussions of adolescence and how body activities can be a resource for occupational therapists to promote their understanding. This was a qualitative study, exploratory and descriptive, with the participation of 28 teenagers from two educational institutions, one public and one private, in the city of Belém (PA). The data collection was done through a semi-structured interview and 8 meetings in which corporal experiences were carried out. The data were analyzed from a thematic categorical analysis. The results pointed to the emergence of 3 categories: How do adolescents understand adolescence? What do teenagers think and know about body and body? What occupations structure the daily adolescent? We emphasize the need to develop actions that promote the understanding of the corporal, psychic, social and occupational transformations that they experience in this phase of life. The corporal activities allowed the creation of a potential space for exchanges and constructions of knowledge and experiences that promote human development and engagement in occupations during adolescence.

Keywords: Adolescence; Body activities; Occupations; Occupational therapy.

Resumen

El período de la adolescencia se caracteriza como una fase de transformaciones físicas, psíquicas, sociales y ocupacionales. Ante la necesidad de abordar a los adolescentes velando por su desarrollo integral y por su plena participación en las ocupaciones que estructuran sus cotidianos durante la fase de la adolescencia, la Terapia Ocupacional puede ofrecer posibilidades prometedoras de cuidado a este público. Este estudio objetivó comprender cuáles las repercusiones ocupacionales de la vivencia de la adolescencia y cómo las actividades corporales pueden ser un recurso de los terapeutas ocupacionales para favorecer la comprensión de éstas. Se trata de un estudio cualitativo, de naturaleza exploratoria y descriptiva, con la participación de 28 adolescentes estudiantes de dos instituciones educativas, una pública y otra privada, en la ciudad de Belém (PA). La recolección de datos se dio por medio de una entrevista semiestruturada y de 8 encuentros en los que se realizaron vivencias corporales. Los datos se analizaron a partir de un análisis categorial temático. Los resultados apuntaron a la emergencia de 3 categorías: ¿Cómo los adolescentes comprenden la adolescencia?; Lo que los adolescentes piensan y saben sobre el cuerpo y la corporeidad?; ¿Cuáles son las ocupaciones que estructuran los cotidianos adolescentes? Destacamos la necesidad de desarrollar acciones que promuevan el entendimiento de las transformaciones corporales, psíquicas, sociales y ocupacionales a las que ellos vivencian en esta fase de la vida. Las actividades corporales oportunizaron la creación de un espacio potencial para intercambios y construcciones de saberes y experiencias promotoras del desarrollo humano y del compromiso en ocupaciones durante la adolescencia.

Palabras clave: Adolescencia; Actividades corporales; Ocupaciones; Terapia ocupacional.

1 INTRODUÇÃO

O período da adolescência é caracterizado como uma fase de transição entre a infância e a fase adulta que traz consigo transformações físicas, psíquicas e sociais^{1,2}. Abordar os adolescentes como sujeitos de direitos mostra-se a porta de acesso ao vasto e complexo campo de saber a respeito dessa fase².

Enquanto terapeutas ocupacionais, acrescentamos ao rol de transformações dessa etapa da vida as mudanças ocupacionais, muitas vezes negligenciadas diante das demandas físicas, que se mostram mais evidentes e, por vezes, mais significativas para os adolescentes. Vários relatos de pesquisa sobre intervenções de terapia ocupacional com adolescentes já foram socializados e alguns deles remetem às intervenções corporais, que se mostram potencializadoras do empoderamento destes para a transformação de seus cotidianos e favorecem tanto o (re)conhecimento de si quanto a promoção de sua consciência corporal, de uma saúde em constante cuidado e de uma condução de vida pautada nos direitos sociais e na cidadania. Consideramos a riqueza dessas intervenções, visto que trabalhar com o corpo possibilita a experimentação, criação e reflexão, ampliando a capacidade de afetar e ser afetado^{3,4}.

Um dos contextos geralmente frequentado pelos adolescentes é a escola, aqui trazido enquanto potente dispositivo que possibilita o encontro do terapeuta ocupacional com este público, visando à promoção do desenvolvimento humano durante a adolescência, bem como a reflexão acerca da corporeidade e da consciência corporal nesta fase.

Diante disso, as práticas corporais emergem como uma ferramenta do terapeuta ocupacional para alcançar o público adolescente, pois proporcionam novas descobertas e sensibilizam as pessoas a perceberem seu corpo próprio.

Nesse sentido, o objetivo geral deste estudo foi o de compreender de que modo as atividades corporais podem favorecer a compreensão das transformações e repercussões ocupacionais que ocorrem no período da adolescência. Os objetivos específicos foram: 1) Identificar a compreensão sobre adolescência expressa pelos participantes; 2) Identificar a compreensão sobre corporeidade expressa pelos participantes; 3) Compreender como a adolescência influencia a realização de ocupações; e 4) Analisar de que maneira as atividades corporais podem favorecer a compreensão das transformações e repercussões ocupacionais que ocorrem no período da adolescência.

1.1 Adolescência, corporeidade e terapia ocupacional: interfaces e possibilidades

A adolescência é caracterizada por mudanças biopsicossociais que a tornam uma fase repleta de peculiaridades e potencialidades. Este período se inicia pelas mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida seu crescimento e sua personalidade, conquistando progressivamente sua autonomia, além da integração em um grupo social¹.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente⁵, são considerados adolescentes pessoas entre 12 e 18 anos de idade completos. Este estatuto assegura aos adolescentes todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana. Dessa forma, ficam garantidas todas as oportunidades que lhes facultem um pleno desenvolvimento, em condições de liberdade e de dignidade.

De acordo com o relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância², existem cerca de 21 milhões de adolescentes no Brasil. Porém, para que ações voltadas a este público possam ser efetivamente implementadas, é necessário conhecer e reconhecer que um conjunto de vulnerabilidades os afeta de maneira significativa. Há, portanto, uma necessidade latente de se integrar, especificar e universalizar políticas públicas voltadas a este público, a fim de promover a construção de um novo olhar acerca da adolescência, para que este conceito possa estar pautado nas singularidades e potencialidades desta etapa da vida, sem estigmas e estereótipos, compreendendo que ser adolescente é mais do que um processo biológico e psíquico.

Segundo Ouvry⁶, na adolescência, as pessoas costumam adquirir crescente autonomia em relação aos pais, constituindo e consolidando sua personalidade, individualidade e noção de corpo. Por meio da vivência e expressão dos sinais característicos da puberdade, o corpo se mostra enquanto o primeiro elemento pelo qual se anuncia aquilo que desencadeia a adolescência. Sendo este corpo um terreno fértil, um lugar de experimentação, criação e reflexão que possibilita a capacidade de afetar e ser afetado pelos encontros, o próprio corpo quando explorado, começa a perceber suas características físicas e subjetivas, medi-las, controlá-las e dialogar com elas para ampliar as formas de relação consigo mesmo e com o mundo⁴.

Pensar em corporeidade, segundo Almeida⁷, é pensar nas intrínsecas relações que a terapia ocupacional estabelece com ela e com os processos de edificação dos corpos, uma vez que todo fazer é corporal e toda experiência gera novas estruturações em um corpo. Para este mesmo autor, o corpo necessita de experimentações para constituir-se. A cada experiência, o corpo se remodela, possibilitando novas percepções de mundo. As perspectivas de

corporeidade, no presente trabalho, estão ancoradas, principalmente, nos referenciais teóricos de Almeida⁷ e Saito e Castro³ e, para fomentar os diálogos com a Terapia Ocupacional, acrescentamos Liberman⁴ enquanto potente referencial articulador.

Beal e Crockett⁸ referem a importância de abordar os adolescentes na perspectiva ocupacional, considerando-os para além das demandas de saúde, mas compreendendo as demandas sociais e ocupacionais que perpassam seu desenvolvimento. Como as ocupações estão presentes na vida de qualquer pessoa e estão ligadas a diversas atividades desenvolvidas e contextos frequentados⁹, é indispensável pensar nos adolescentes de modo contextualizado às suas ocupações cotidianas.

Considerando que o domínio da Terapia Ocupacional é promover saúde, bem-estar, e participação na vida por meio do envolvimento na ocupação¹⁰, é válido refletirmos sobre as ocupações condizentes à fase da adolescência.

Nesse sentido, o termo ocupação se refere às atividades que as pessoas fazem em suas vidas diárias, as quais ocorrem em um dado ambiente e são influenciadas pela interação entre fatores pessoais, habilidades de desempenho e padrões de desempenho. Elas costumam ter uma finalidade e um significado intrínsecos para as pessoas e representam parte importante e significativa dos seres humanos, constituindo um domínio específico do comportamento humano, visto que trazem e/ou reafirmam o sentido da vida das pessoas^{10,11}.

Tendo em vista que as ocupações são fundamentais para a identidade e o senso de competência de uma pessoa e tem significado especial e valor para a mesma, adotamos uma perspectiva ocupacional da educação, visto que ela se faz presente nas vidas diárias de parcela representativa dos adolescentes, os quais, assim como os adultos, tendem a organizar seu dia-a-dia a partir do engajamento em ocupações, como o sono, atividades de vida diária, educação, atividades sociais, lazer e participação social^{10,11}.

Diante disso, as práticas de consciência corporal, na terapia ocupacional, apresentam-se como potente instrumento de fomento à transformação do cotidiano da população atendida, à medida que se tornam experiências do próprio sujeito, propiciam a apropriação de si e promovem a consciência corporal e a criação de um cotidiano e de uma saúde em constante cuidado. Nessas práticas, à medida que as vivências prosseguem, os adolescentes se reconhecem como sujeitos de direitos, de responsabilidades, necessidades e desejos e com singularidades expressas a cada momento de vida³.

Assim, a utilização de práticas corporais mostra-se potente junto ao público adolescente, pois propicia o contato e a descoberta de si mesmo e do outro. Saito e Castro³ reconhecem as potencialidades das práticas corporais na promoção da consciência do próprio

corpo, enquanto um organismo que percebe o que ocorre nele, e, como consequência, provoca mudanças no sujeito e no reconhecimento de si.

2 METODOLOGIA

Este artigo derivou de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional da Universidade do Estado do Pará (UEPA), na qual utilizaram-se abordagens grupais enquanto método de intervenção.

Realizou-se uma pesquisa de cunho qualitativo, de caráter exploratório e descritivo. Exploratório por ter se realizado em área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado e ter objetivado o aprimoramento de ideias e a compreensão do fenômeno pesquisado. Descritivo por expor características de determinada população, no caso, os adolescentes, sem a intenção, a priori, de explicar o que se descreve, mas primordialmente para reunir informações sobre situações específicas e relacionadas de forma a proporcionar a visualização de uma totalidade¹².

Os locais da pesquisa corresponderam a duas instituições educacionais, as quais consentiram com a realização das intervenções e cederam espaço e horário para a realização dos encontros com os adolescentes. No intuito de manter sigilo sobre as instituições, as mesmas serão denominadas de Instituição A e Instituição B. Vale ressaltar que a Instituição A era de caráter privado e a Instituição B, de caráter público estadual. Tais instituições foram selecionadas por conveniência, devido o aceite em sediar a pesquisa, e ambos os locais de pesquisa situam-se no município de Belém, sendo a instituição privada no bairro do Curió e a pública no bairro Nazaré.

Foram realizados 8 (oito) encontros em cada escola. O quantitativo de participantes variou entre 16 e 28, considerando a média de 18 a 35 alunos por turma nessas escolas. Os encontros foram realizados separadamente, em cada escola, porém as atividades propostas consistiram nas mesmas propostas, objetivando poder relacionar os resultados obtidos.

Utilizou-se como instrumento de pesquisa uma entrevista semiestruturada, no primeiro encontro, a fim de coletar algumas informações iniciais. Além disso, cada encontro teve um planejamento prévio e flexível e, após a ocorrência, houve um registro no diário de campo das pesquisadoras. Para complementar, também foram utilizados registros fotográficos e gravações de áudio nos encontros, objetivando o registro mais acurado das informações, o que permitiu dados fidedignos para análise.

Esta pesquisa obedeceu aos fundamentos éticos e científicos pertinentes às normativas para pesquisas com seres humanos, seguindo os preceitos éticos e as normas que constam na Res. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. As instituições nas quais foi realizada a coleta de dados forneceram autorização para a realização da pesquisa e o Comitê de Ética da Universidade do Estado do Pará aprovou o projeto de pesquisa, sob o parecer nº 1.827.618. Além disso, os responsáveis pelos participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os adolescentes participantes manifestaram seu desejo de participar por meio da assinatura do Termo de Assentimento Para Crianças e Adolescentes (TA).

Foi empregada uma análise de dados categorial temática, a partir dos conteúdos trazidos pelos participantes da pesquisa, os quais foram sistematizados e fizeram emergir unidades de significação, as quais originaram as categorias de análise: Como os adolescentes compreendem a adolescência?; O que os adolescentes pensam e sabem sobre o corpo e a corporeidade?; Quais as ocupações estruturam os cotidianos adolescentes?

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de preservar a identidade dos participantes, os mesmos serão abordados a partir de nomes fictícios alusivos a flores, pois, assim como elas, os adolescentes estão vivenciando uma fase marcada por frequentes transformações. A Tabela 1 traz a caracterização dos participantes a partir dos nomes fictícios, idade, gênero e instituição de origem dos mesmos.

CODINOME	FAIXA ETÁRIA	GÊNERO	INSTITUIÇÃO
Alfazema	13 anos	Feminino	A
Amarílis	13 anos	Feminino	A
Anis	13 anos	Feminino	A
Begônia	13 anos	Feminino	A
Bromélia	13 anos	Feminino	A
Dália	13 anos	Feminino	A
Edelvais	13 anos	Masculino	A
Erva-doce	15 anos	Feminino	A
Flor de lótus	13 anos	Feminino	A
Lírio de Água	13 anos	Masculino	A
Margarida	15 anos	Feminino	A
Mimosa	12 anos	Feminino	B
Narciso	12 anos	Masculino	B
Nenúfar	12 anos	Masculino	B
Oleandro	15 anos	Masculino	A
Orquídea	14 anos	Feminino	B

Papoila	13 anos	Masculino	B
Prímula	13 anos	Masculino	A
Ranúnculo	13 anos	Masculino	A
Rosa	14 anos	Feminino	B
Smilax	12 anos	Masculino	B
Solidago	15 anos	Masculino	A
Tuberosa	12 anos	Masculino	B
Tulipa	13 anos	Feminino	B
Urze	13 anos	Masculino	A
Verônica	13 anos	Feminino	B
Violeta	13 anos	Feminino	B
Zinia	13 anos	Masculino	A

Tabela 1: Caracterização dos participantes.

Fonte: Coleta de dados (2017).

As atividades corporais programadas para as intervenções são ilustradas na Tabela 2, a seguir.

DATA	ATIVIDADES	OBJETIVO	PROCEDIMENTO
07/03/2017 (A) 05/06/2017 (B)	Entrevista	Conhecer os participantes da pesquisa	Aplicação das entrevistas aos participantes.
08/03/2017 (A) 05/06/2017 (B)	Caminho da vida	Promover a relação de confiança	Sensibilização: Os participantes foram divididos em subgrupos de 6 pessoas, sendo que 1 participante ficaria no centro e os demais formaram um círculo não deixando quem está no meio cair. Atividade Principal: Formou-se um caminho tortuoso com os próprios participantes, sendo estes os obstáculos. Com isso, deslocaram-se em duplas com apenas comandos verbais, sendo um vendado e outro guia. Finalização: Cada participante verbalizou o que a atividade significou. Discussão: Realizou-se uma roda de conversa, onde puderam expressar suas dificuldades e facilidades diante da atividade proposta, além de expor a importância de confiar nos colegas.
09/03/2017 (A) 07/06/2017 (B)	Reverendo os papéis ocupacionais	Promover a reflexão dos participantes em relação aos papéis ocupacionais que assumem	Sensibilização: Foram entregues bexigas para cada participante, onde tiveram que expressar por meio de desenho de rosto sentimento surgido durante a semana. Atividade principal: Foram entregues papéis A4, contendo questões relacionadas com os papéis ocupacionais, e canetas para os participantes responderem. Discussão: Realizou-se uma roda de conversa sobre os papéis ocupacionais que estavam desempenhando nesse momento e quais desempenhavam antes, levando-os à reflexão.
10/03/2017 (A) 08/06/2017 (B)	Transformações ocupacionais da adolescência	Favorecer a compreensão da transição ocupacional	Sensibilização: Solicitou-se que os participantes ficassem sentados nas cadeiras e com os olhos fechados, tendo sido sugerido um momento de relaxamento, e direcionados com algumas questões sobre sua infância e adolescência, levando-os à reflexão. Atividade Principal: Os colaboradores foram subdivididos em 2 grupos, um representando a infância e o outro a adolescência. Estes realizaram recorte e colagem, ou escreveram acerca das ocupações de acordo com o seu tema, sobre o papel 40kg. Discussão: Um representante de cada subgrupo relatou sobre as escolhas das ocupações escolhidas, levantando reflexões acerca do tema em questão. Finalização: Ao final, realizou-se uma foto grupal de cada subgrupo.
13/03/2017 (A) 19/06/2017 (B)	Sentindo na pele	Promover reflexão acerca de opiniões alheias	Atividade principal: Distribuídos em 2 subgrupos, os participantes formaram uma fila indiana, em que o último de cada fila desenhava nas “costas” do colega da frente alguma imagem, ao mesmo tempo em que este colega teria, em suas costas, um papel no qual o colega de trás desenharia simultaneamente e assim sucessivamente. Cada participante teria que adivinhar o desenho feito pelo colega no papel em suas costas. A cada acerto o grupo ganhava um ponto, e o primeiro da fila deslocava-se para o último lugar da fila, até que todos tivessem participado do desenho nas “costas”.

			Discussão: Dispostos em círculo, os participantes foram questionados acerca do desenvolvimento da atividade, suas dificuldades e o que era necessário para que esta fluísse, e eles conseguissem identificar o desenho.
14/03/2017 (A) 19/06/2017 (B)	Patinho feio	Favorecer a convivência com a diversidade	Sensibilização: Dispostos em grupo, os participantes verbalizaram o que é “corpo perfeito” na concepção deles. Atividade Principal: Foram coladas tiras de papel aleatórias na testa dos participantes com algumas palavras, sendo que o único que estivesse com a palavra “deixe-me”, seria o discriminado. Discussão: Com os participantes dispostos em círculo, realizou-se uma roda de conversa sobre como foi o processo da atividade e se houve dificuldades.
15/03/2017 (A) 28/06/2017 (B)	Desvelar das transformações	Estimular a consciência corporal	Atividade principal: foram dispostas duas folhas de papel 40 kg. Ao redor de cada uma delas constituíram-se dois grupos, um de meninas e outro de meninos. Em cada um dos grupos, os/as participantes desenharam o contorno do corpo de um dos integrantes do grupo, a fim de posteriormente evidenciar as mudanças que estão ocorrendo na adolescência. Foram entregues materiais diversos como barbante, esponja de aço, algodão, etc. Discussão: Com os participantes dispostos em círculo, realizou-se uma roda de conversa sobre como foi o processo da atividade e se houve dificuldades.
16/03/2017 (A) 28/06/2017 (B)	Ciclos da vida	Estimular a percepção acerca do envelhecimento humano	Sensibilização: foram entregues pedaços de papel cartão, onde cada participante desenhou o contorno do seu pé. Posteriormente os desenhos foram recortados e colados ao chão formando um “caminho”. Atividade principal: cada participante passou pelo caminho representando através de expressões corporais algum marco que remetesse a cada ciclo da vida, desde o nascimento até a morte. Discussão: Com os participantes dispostos em círculo, realizou-se uma roda de conversa sobre como foi o processo da atividade e se houve dificuldades.
17/03/2017 (A) 28/06/2017 (B)	Modificando cenas do cotidiano	Promover o protagonismo juvenil	Atividade principal: os participantes foram divididos em 4 subgrupos, nos quais cada participante ficou responsável por representar algum tema. Os temas foram: drogas lícitas e ilícitas, gravidez na adolescência, discussão entre pais e filhos e situação de mendicância. Posteriormente, um grupo modificaria a cena do outro de maneira positiva, promovendo soluções positivas. Discussão: Com os participantes dispostos em círculo, realizou-se uma roda de conversa sobre como foi o processo da atividade e se houve dificuldades.

Tabela 2: Cronograma de atividades.

Fonte: Coleta de dados (2017).

A seguir, são apresentadas e discutidas as unidades de significação derivadas da categorização dos resultados obtidos.

3.1 Como os adolescentes compreendem a adolescência?

Observamos que houve uma predominância da concepção de adolescência relacionada à diversão e ausência de responsabilidades, estritamente expressa na maioria das falas dos participantes da Instituição B, como ilustram os excertos abaixo:

“curtir a vida” Violeta

“curtir com amigos” Lavanda

Outros autores já identificaram essa concepção de adolescência em pesquisas com profissionais da área da saúde em uma estratégia saúde da família (ESF), no município de São Paulo¹³, com adolescentes de ambos os sexos de escolas variadas, pertencentes às diversas classes sociais em São Paulo¹⁴ e com adolescentes de uma escola estadual localizada no Rio Grande do Sul¹⁵.

Desse modo, observamos que essa concepção de adolescência permeia o senso comum partilhado pelos adolescentes em nossa sociedade, conforme apontam os resultados destes estudos. Esta concepção pode corroborar também com o senso comum socialmente vigente na sociedade. Acreditamos que, ao terem acesso sobre o tema adolescência e sobre as transformações características dessa fase, a compreensão dos adolescentes pode ser ampliada e eles poderiam vivenciar esta fase de uma maneira mais consciente, sabendo o porquê de tais acontecimentos e tomando decisões com a devida reflexão.

Por outro lado, identificamos outra concepção de adolescência expressa predominantemente pelos participantes da instituição A, que aponta para a adolescência como uma fase de responsabilidades crescentes, amadurecimento e mudanças, tal como ilustram os excertos abaixo:

“significa entrar numa fase de mudanças no corpo”. Urze

“significa ter mais maturidade, responsabilidade com nossas coisas e mudanças em nosso corpo”. Bromélia

“mudança no corpo, crescer, ter responsabilidade, maturidade”. Alfazema

“adolescência para mim significa a mudança do meu corpo, dos meus gestos e do meu jeito de pensar”. Dália

“amadurecimento, coisas novas...”. Prímula

Na literatura, também encontramos autores que fundamentam essa outra concepção, ou seja, vislumbram a adolescência como um fenômeno predominantemente biológico, permeado por mudanças e amadurecimento, muitas vezes sendo caracterizada e explicada, primordialmente, por questões derivadas da puberdade.

Luckow e Cordeiro¹⁶, em seu estudo, abordam a perspectiva de profissionais da área da saúde atuantes em um CAPSi (Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil) em Curitiba/PR, os quais caracterizam a adolescência como um período de desenvolvimento, de mudanças corporais do corpo e de formação do sujeito. Enxergam o adolescer como um acontecimento natural e como algo que começa ao final da infância e encerra antes da vida adulta. Neste estudo, alguns profissionais identificaram a adolescência como uma fase permeada por diversas mudanças e transformações, demonstrando considerar os aspectos sociais e culturais que a compõem.

A literatura expressa, ainda, outras duas concepções de adolescência que não foram encontradas nos resultados deste estudo. Uma delas discorre acerca da adolescência enquanto um “salto” em direção a si mesmo, como ser individual¹⁷, diferenciando o adolescer da puberdade. A puberdade seria um fenômeno fisiológico que compreende as mudanças corporais e hormonais; enquanto que a adolescência diria respeito aos componentes psicossociais decorrentes deste processo. A outra visão sobre adolescer, encontrada na literatura, caracteriza a adolescência por intermédio da perspectiva da impulsividade e excitabilidade, conceituando-a como uma fase marcada pela rebeldia, pelo sentimento de contradição e por variações de humor. O adolescente, portanto, viveria a mistura desses sentimentos, paralelamente às mudanças físicas, o que acabaria por contribuir para com a sua fragilidade¹⁵. Este estudo não permitiu identificar concepções relacionadas a estas duas perspectivas e, tampouco, atitudes dos adolescentes participantes que pudessem ser relacionadas às mesmas.

Diante dessa variedade de concepções, a adolescência assume-se multifacetada e a concepção a seu respeito tende a variar de acordo com o nível socioeconômico do adolescente. Por isso, o contexto social é um forte determinante na definição do modo de ser, pensar e agir do adolescente, além de interferir diretamente nas suas aspirações e responsabilidades¹⁸. Este pode ser um fator que justifica a diferença de concepções predominantes entre os adolescentes das instituições A e B.

Diante das informações supracitadas, acreditamos a adolescência se mostra como uma fase cercada por individualidades e particularidades, uma fase em constante devir. Por isso, é fundamental lançar um olhar biopsicossocial e ocupacional a este público.

Da mesma forma, não há uma concepção de adolescência que possa ser considerada a verdadeira ou correta, visto que estas concepções coabitam no senso comum e na perspectiva de cada pessoa. Apesar disso, é possível conduzir reflexões a respeito da abrangência e multiplicidade de concepções a respeito do fenômeno da adolescência, na intenção de contemplar a complexidade que este fenômeno engendra.

No âmbito da terapia ocupacional, qualquer tipo de atuação junto a adolescentes requer pensar as concepções de adolescência, muitas vezes favorecendo a que reflitam a respeito da concepção que cada um tem e sobre o modo como essa concepção os faz conduzir a vida durante este período.

3.2 O que os adolescentes pensam e sabem sobre o corpo e a corporeidade?

As intervenções corporais proporcionaram aos adolescentes a reflexão acerca da corporeidade, permitindo novas experiências durante os encontros, nos quais foram abordados temas referentes à puberdade, sexualidade, papéis ocupacionais, consciência corporal, envelhecimento e protagonismo juvenil.

O corpo contempla pelo menos duas dimensões: uma objetiva, orgânica, tradicionalmente do domínio da medicina e da biologia; e outra, subjetiva, um corpo vivenciado e sentido, constituindo objeto de reflexão da filosofia e das disciplinas humanísticas¹⁹. Na primeira, valorizam-se aspectos que podem ser medidos e verificados com exatidão e, conseqüentemente, quantificados. Subjetivamente, o corpo é entendido ao se levar em consideração sua interação com o mundo e as implicações dessa relação.

A partir de algumas falas dos participantes, pode-se observar a concepção sobre o corpo para os adolescentes da instituição privada (A) e pública (B) antes das intervenções realizadas:

Instituição A

“pele e osso, e mudanças ao decorrer dos dias”. Erva doce

“Entendo que ele tem várias formas de se expressar, como um toque. Ou quando você está doente, e ele te indica isso através de dores; ou quando você está em uma fase de criança para adolescente, o nosso corpo expressa isso com pelos crescendo, com partes aumentando”. Alfazema

“Corpo é muito mais do que pele e osso, interfere no nosso jeito de agir e pensar”. Dália

Instituição B

“pele, osso e músculo” Iberis

“órgãos, pele, osso, sangue e músculos” Violeta

“pele, ossos, características, choro e alegria” Lavanda

“para mim significa osso, eu não tenho corpo” Orquídea

Interessante destacar, a partir das falas dos adolescentes, que, quando questionados sobre a corporeidade, a maioria deles relatou ter dificuldade de apresentar seu ponto de vista sobre o corpo, já que “nunca havia pensando sobre isso antes” (SIC). Apesar disso, afirmaram que já estudaram as dimensões do corpo de forma biológica em uma das matérias apresentadas pela instituição, por isso apresentam esses relatos. Observamos que poucos deles apresentaram uma concepção mais reflexiva ou subjetiva, como se pode observar nestas falas da instituição A:

“você é um corpo, nós somos um corpo, corpo somos nós”. Urze

“Define-se em modo de pensar, agir, colocar nossas palavras na hora certa, se movimentar e nosso jeito de olhar para as pessoas”. Bromélia

369

Diante disso, as atividades corporais permitiram abordar a consciência corporal entrelaçando a dimensão biológica, psíquica, social e ocupacional, favorecendo a reflexão e a construção de novas concepções sobre corporeidade pelos adolescentes²⁰.

A construção da imagem do nosso corpo só é possível por meio de vivências que ele tenha construído a partir de suas experiências desde o nascimento, como a relação com a mãe e outros indivíduos e cuidados na infância, permitindo que o indivíduo se defina, por exemplo, como gordo ou magro²⁰. Tal fato pode ser observado nos excertos abaixo, da instituição A, em que os adolescentes caracterizam seu próprio corpo:

“mediano, não tão alto e não tão baixo”. Edelvais

“gordinho, músculos, órgãos”. Lírio de água

No que se refere às mulheres, o início da adolescência feminina é facilmente observável, pois num curto espaço de tempo, junto com o advento da puberdade, ocorrem mudanças substanciais, corporais e psíquicas, o que, muitas vezes provoca certa confusão entre puberdade e adolescência, pois essas duas condições ocorrem mais ou menos ao mesmo tempo na vida das jovens²¹.

Para Campagna e Souza²¹, os adolescentes vivenciam a puberdade, sendo esta relacionada aos processos biológicos, que culminam com o amadurecimento dos órgãos sexuais. A adolescência, por sua vez, compreenderia as alterações biológicas, psicológicas e sociais que ocorrem nessa fase do desenvolvimento.

Os conteúdos destes dois estudos podem ser observados nos excertos a seguir, diante do questionamento sobre as mudanças corporais, sociais, emocionais e ocupacionais percebidas pelos participantes durante este período:

Instituição A

“o corpo aumenta, faz mais amigos, começa a gostar de alguém”. Urze

“eu me enturmo mais com as pessoas, minha voz engrossou”. Zinia

“as minhas partes cresceram, nasceram pelos, conheci mais amigos”. Oleandro

“para mim são duas mudanças que mais ocorreram em mim que são corporal que cresceu várias partes do meu corpo e ocupacional que trabalho todos os dias em casa” Bromélia

“tá tudo mudando, hoje tenho mais ocupações, sou mais sociável, meus peitos cresceram, tudo cresceu”. Erva doce

“as mudanças sociais percebo mais, não me dou muito com certas amigadas, com algumas pessoas da família”. Flor de lótus

“Corporal, como, por exemplo, o aumento dos seios, pêlos. Ocupacional: eu só brincava e hoje tenho que ter responsabilidade com as minhas coisas”. Dália

Instituição B

“altura” Hibisco

“a voz engrossa” Iberis

“crescimento e mudanças, trabalho” Milefólio

“festas, menstruação, desenvolvimento, choro demais, gosto das pessoas fácil demais” Tulipa

A partir dessas falas, percebe-se que a maioria dos adolescentes refere-se à percepção das mudanças corporais, físicas, e poucos mencionam mudanças emocionais e ocupacionais. Ao questionar e proporcionar aos adolescentes a reflexão sobre a forma que se relacionam com o seu corpo e como se caracterizam, na instituição A, a maioria deles respondeu estar satisfeito com o seu corpo, enquanto que na, instituição B, responderam que se relacionam de

forma razoável. Alguns expressaram justificativas para esta opinião, como podemos observar nos excertos a seguir:

Instituição A

“satisfeito, porque tudo que acontece na adolescência é normal”. Urze

“razoável, porque nem tudo que acontece no meu corpo é perfeito”. Zinia

“insatisfeita, porque acho que meu corpo não é do jeito que eu quero e não me sinto satisfeita com ele”. Margarida

“satisfeito, porque amo meu corpo do jeito que é”. Oleandro

“eu no momento acho ele razoável, quando eu era criança eu era mais fofinha, não gostava disso”. Erva doce

“razoável, pois ainda pretendo mudar um pouco”. Flor de lótus

“Satisfeito, porque ocorrem várias coisas no meu corpo que eu gostei”. Lírio de água

Instituição B

“razoável, sou magrinho” Hibisco

“satisfeito, emagreci mais”. Iberis

“razoável, porque eu ainda tenho que desenvolver algumas coisas” Verônica

“razoável, porque sou baixinho” Nenúfar

“razoável, porque ele demorou um pouco para se desenvolver” Tulipa

“insatisfeita, porque eu não tenho corpo, sou magra” Orquídea

“insatisfeita, porque sou magra, não tenho corpo” Rosa

Podemos observar que, ao relatar que estão satisfeitos, algumas vezes suas falas entram em incongruência quando justificam, sendo possível visualizar sentimentos contraditórios e diversos em relação ao próprio corpo. Nessa fase, os adolescentes encontram-se, geralmente, em busca de sua identidade e vivenciam o luto pelo corpo infantil, o que faz com que sejam beneficiados a partir da oferta de suporte para auxiliá-los a mediar essas múltiplas transformações.

Diante disso, podemos visualizar, por meio das atividades corporais, que o adolescente se vê diante de novas demandas de ordem afetiva, hormonal e física, tentando ajustar-se a estas. Nesse processo de ajustamento, são comuns a insatisfação do adolescente com o seu corpo, a estranheza e a ansiedade. Diante das mudanças inevitáveis, os adolescentes, geralmente, encontram-se insatisfeitos com sua aparência física, e a percepção das mudanças ocorridas no seu corpo gera sentimentos de estranheza de si mesmos²⁰.

Considerando que a imagem corporal é um constructo que engloba as percepções do indivíduo sobre si mesmo e sobre a relação que ele mantém com os outros, atrelar essa imagem corporal ao ideal de corpo tantas vezes reproduzido socialmente pode fazer os adolescentes cultivarem e reproduzirem essa perspectiva de “corpos-imagem que se definem como estampa idealizada e ilusória pautada em um processo de projeção do corpo promovido pelas mídias”²⁰ (p. 74). Assim, observamos que o foco da concepção de corporeidade por eles manifestada situa-se na interface com a aparência que o corpo traduz e os símbolos valorizados socialmente, como a juventude e a magreza²⁰.

Diante dessas mudanças conflituosas, a maioria dos adolescentes participantes da pesquisa respondeu, na entrevista semiestruturada, que considera importante conhecer as transformações corporais derivadas da adolescência. Isso demonstra que eles possuem minimamente consciência de seus corpos e isso também abre campo para intervenções destinadas a favorecer essa reflexão, a qual proporcionaria esclarecimentos sobre os processos de mudanças corporais.

Mesmo que, predominantemente, os adolescentes tenham respondido que é importante compreender as transformações, ainda existe a minoria deles que evidenciou não reconhecer essa importância, talvez devido à concepção de corpo por eles partilhada, uma concepção mais objetiva, organicista, que negligencia ou desconhece a subjetividade e não leva em consideração a sua interação com o mundo.

Ressalta-se que, apesar da dificuldade em compreender as transformações e o processo da adolescência, a maioria dos adolescentes participantes considerou que conhece seu próprio corpo^{22,23}.

3.3 Quais ocupações estruturam os cotidianos adolescentes?

Para a Associação Americana de Terapia Ocupacional¹⁰ (AOTA), a terapia ocupacional tem a premissa básica de promover ou possibilitar a participação das pessoas em

papéis, hábitos e rotinas em diversos ambientes, como casa, escola, local de trabalho e comunidade.

Nesta categoria, a caracterização do termo “ocupação” se dá segundo a AOTA¹⁰, referindo-se às atividades pertencentes ao cotidiano referidas pelos adolescentes. As ocupações ocorrem ao longo do tempo, possuem uma finalidade, significado e utilidade, acontecem em um determinado contexto e são influenciadas pela interação entre os fatores do cliente, habilidades e padrões de desempenho. As ocupações são classificadas em: Atividades de Vida Diária (AVD), Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVD), descanso e sono, educação, trabalho, brincar, lazer e participação social¹⁰. Esta foi a classificação utilizada para categorizar as ocupações expressas pelos adolescentes participantes deste estudo.

Podemos identificar que, diante da pergunta da entrevista semiestruturada: “Você acha que a adolescência interfere na realização de suas ocupações?”, 82% e 88% dos participantes do nosso estudo na instituição A (Gráfico 1) e B (Gráfico 2), respectivamente, acreditam que este período não interfere no desempenho de suas ocupações. Entretanto, o restante dos adolescentes, ou seja, 18% e 12%, instituição A e B respectivamente, afirmam que pode interferir em algumas ocupações, como podemos ver nos gráficos abaixo:

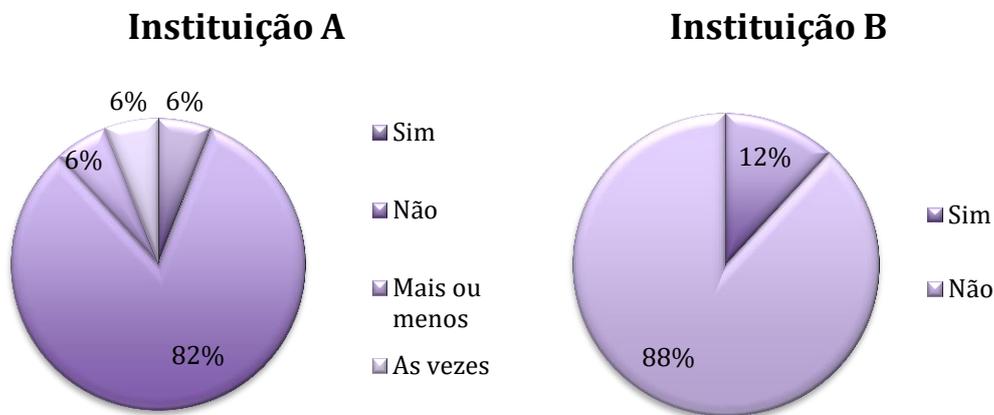


Gráfico 1: Instituição A
Fonte: Coleta de dados (2017).

Gráfico 2: Instituição B
Fonte: Coleta de dados (2017).

É válido mencionar que, previamente a serem indagados sobre a pergunta supracitada, foi discutido com eles sobre o significado do termo ocupação, tendo sido abordado que o mesmo correspondia às atividades que eles costumavam realizar em seu dia a dia, como estudar, jogar, sair com os amigos, entre outros.

A partir da análise dos gráficos, percebe-se que a grande maioria dos adolescentes participantes do estudo, acredita que a fase da adolescência não interfere nas suas ocupações.

Desse modo, a partir do entendimento deles, podemos considerar positiva, por um lado, suas percepções a respeito de suas ocupações, pois demonstram que eles não veem problemas ou dificuldades em conduzir suas vidas durante a adolescência, o que corrobora para o rompimento dos estigmas sociais que o senso comum carrega em relação a esta fase, a qual é vista, geralmente, como uma “fase problema”, responsável por comportamentos complicados, permeado de irresponsabilidades, como ilustrado em terminologias e estereótipos como “aborrescentes”, frequentemente utilizados ao se falar sobre adolescentes²⁴.

Pennington e Sharrott²⁴ referem que, em muitas culturas, a adolescência é concebida como fase problemática e difícil de ser enfrentada. Porém referem que este fato pode derivar da invisibilidade do adolescente nessas sociedades. As autoras destacam que se trata de uma fase na qual os adolescentes estão em busca de independência, desenvolvendo e consolidando seu auto conceito, definindo objetivos profissionais, reconhecendo sua sexualidade, entre outras especificidades, o que faz com que as suas ocupações cotidianas sejam invisibilizadas, exceto em condições de deficiências, que fazem com que eles sejam vistos, com foco central em suas limitações. Disto deriva a importância de utilizarmos a perspectiva ocupacional na abordagem a este público, valorizando seus fazeres cotidianos e promovendo o bem estar, as relações com seus corpos e as condições de cidadania dos mesmos.

Em contraponto, podemos refletir também que essa resposta pode ser devido à falta de reflexão sobre seus cotidianos, decorrente da restrição de oportunidades de acesso a ações que permitam a reflexão sobre suas próprias ocupações. Nesse caso, é possível que a adolescência interfira de alguma forma na realização das ocupações destes adolescentes, sem que eles tenham se dado conta disso. Outros estudos são necessários junto a este público para explorar estas hipóteses.

Em relação às ocupações que compõem os cotidianos dos adolescentes participantes da pesquisa, a Tabela 3 apresenta as ocupações por eles mencionadas. Para favorecer nossa posterior discussão, na coluna ao lado consta a categorização realizada no que se refere ao tipo de ocupação desempenhada, conforme a AOTA¹⁰.

OCUPAÇÃO	CATEGORIZAÇÃO
Limpar a casa	AIVD (Estabelecimento e gerenciamento do lar)
Estudar	Educação (Participação na educação formal)
Assistir televisão	Lazer (Participação no Lazer)
Navegar na internet	Lazer (Participação no Lazer)
Vôlei	Lazer (Participação no Lazer)
Escola	Educação (Participação na educação formal)
Igreja	AIVD (Atividades e expressão religiosa e espiritual) e Participação social (Pares, amigos e/ou família)

Lazer	Lazer (Participação no Lazer)
Ficar em casa	Lazer (Participação no Lazer)
Aslan (curso de inglês)	Educação (Participação na educação formal)
Ajudar minha mãe	AIVD (Estabelecimento e gerenciamento do lar)
Dança	Lazer (Participação no Lazer) ou Educação (Participação na educação formal)
Cursinho	Educação (Participação na educação formal)
Celular	Lazer (Participação no Lazer)
Vídeo game	Lazer (Participação no Lazer)
Sair	Participação social (Pares, amigos e/ou família) e lazer (Participação no Lazer)
Sair pra comer pizza	Lazer (Participação no Lazer) e participação social (Pares, amigos e/ou família)
Almoçar	Avd (Deglutir / comer e alimentar)
Passeio	Lazer (Participação no Lazer) e participação social (Pares, amigos e/ou família)
Dormir	Descanso e sono (Participação no sono)
Jogar bola	Lazer (Participação no Lazer) e participação social (Pares, amigos)
Judô	Lazer (Participação no Lazer) e participação social (Pares, amigos)
Auto cuidado	AVD (Higiene pessoal e (*) 'grooming')
Descanso	Descanso e sono (Descansar)
Jiu-jitso	Lazer (Participação no Lazer) e participação social (Pares, amigos)
Ir para a rua	Lazer (Participação no Lazer) e participação social (Pares, amigos e/ou família)
Trabalho	Trabalho (Desempenho no trabalho)
Brincar de bandeirinha	Lazer (Participação no Lazer), participação social (Pares, amigos e/ou família) e brincar (Brincar exploratório)
Vejo o boy	Participação social (Pares, amigos)
Praça	Lazer (Participação no Lazer) e participação social (Pares, amigos e/ou família)
Reparar minha irmã	AIVD (Cuidar de outros (incluindo seleção e supervisão de cuidadores)
Limpar a casa	AIVD (Estabelecimento e gerenciamento do lar)
Ir para a casa do papai	Lazer (Participação no Lazer)
Aula de reforço	Educação (Participação na educação formal)
Empinar pipa	Lazer (Participação no Lazer)
Ir para o curso	Educação (Participação na educação formal)
Capoeira	Lazer (Participação no Lazer) e participação social (Pares, amigos)
Boxe	Lazer (Participação no Lazer) e participação social (Pares, amigos)
Cuidar da minha prima	AIVD (Cuidar de outros (incluindo seleção e supervisão de cuidadores).
Tomar banho	AVD (Banhar, e tomar banho no chuveiro)

Tabela 3: Ocupações que compõem os cotidianos dos adolescentes.

Fonte: Coleta de dados (2017).

Podemos observar que houve uma diversificação no que concerne às ocupações desempenhadas pelos adolescentes. É possível também perceber que as principais ocupações dos adolescentes participantes deste estudo correspondem às AVD, dormir, ir para a escola, fazer atividades desportivas e ajudar seus familiares em atividades domésticas. Outros participantes se referem ao fato de irem para “rua” todas as noites e conversar com amigos e vizinhos, o que representa participação social.

Segundo Drummond²⁵, o ambiente doméstico provê ao adolescente maior independência e inclusão social, uma vez que a aprendizagem das tarefas domésticas envolve objetivação, tomada de decisões e resolução de problemas. Estas atividades promovem,

também, o desenvolvimento do senso de cooperação, mais responsabilidade e mais cuidado para com o outro e consigo mesmo. Diante disso, destacamos a potencialidade de intervenções na interface terapia ocupacional-escola-família, visando desenvolvimento e desempenho ocupacionais satisfatórios dos adolescentes.

O desporto, outra ocupação bem recorrente durante as falas dos participantes desta pesquisa de ambas as instituições, costuma atribuir aos praticantes, segundo Dias, Cruz e Danish²⁶, maior competência pessoal, responsabilidade, conformidade, disciplina, persistência e um maior grau de tomada de decisões. Ainda para estes autores, os desportos podem ser considerados como um potencial recurso para a formação da identidade pessoal dos adolescentes, pois auxiliam na construção do caráter e do crescimento e amadurecimento psíquico.

Com isso, consideramos que os desportos também podem atribuir aos seus adeptos, uma maior capacidade de disciplina, a importância do respeito para com o outro e, principalmente, a capacidade de lidar com frustrações, o que colabora de forma significativa para a vivência no cotidiano do ser adolescente. Nesse sentido, a prática de esportes pode ser considerada uma ocupação promotora do desenvolvimento e da participação na adolescência. Como o público participante da pesquisa referiu passar uma parte significativa do dia na escola, o que acontece nesse contexto vai seguramente ter influência direta em seu comportamento. O âmbito escolar, por vezes, é caracterizado como um mero espaço de cumprimento de tarefas acadêmicas para os adolescentes, sem a perspectiva de aquisição da reflexão crítica e da construção coletiva. Diante disso, tem-se uma significação deturpada acerca da instituição em suas representações, enquanto espaço de ampliação do conhecimento e de participação social. Muitas vezes, a escola é compreendida apenas como um espaço para se alcançar um futuro por meio da instrução e do aprendizado de conteúdos²⁷.

Diante do exposto, acreditamos no potencial que o ambiente escolar é e pode tornar-se, pautado nos vários significados atribuídos pelo alunado. Compreendemos ainda, que as escolas são para além dos “muros” que a compõem. A vivência escolar é única e permeada por diversos saberes. A concepção interacionista de educação norteia essa perspectiva, na qual a escola é, sim, um espaço potencial de aquisição de conhecimentos e de desenvolvimento de habilidades pelos alunos. Porém é, também, espaço de estabelecimento de relações humanas, de resolução de problemas, de reflexão a respeito das mazelas sociais, de articulação e empoderamento para a cidadania e, conseqüentemente, de desenvolvimento humano, em uma perspectiva integral.

Nesse sentido, acreditamos que as ocupações referenciadas nesta pesquisa assumem lugar de destaque no processo de existir dos adolescentes, uma vez que compõem os seus cotidianos e estruturam as suas vidas. Oliveira, Pinto e Souza²⁸ afirmam que os interesses dos adolescentes resultam da interação de uma grande quantidade de variáveis, como o meio social, o grupo familiar e as identificações pessoais, culminando, dessa forma, na estruturação da identidade ocupacional dos sujeitos.

Para nós, terapeutas ocupacionais, conhecer as ocupações mais frequentemente realizadas na fase da adolescência assume fundamental importância para a compreensão dos adolescentes como seres ocupacionais e para o planejamento de intervenções voltadas a este público.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto e, face ao objetivo deste estudo de compreender as repercussões ocupacionais da vivência da adolescência, pretendeu-se compreender a percepção dos adolescentes frente às transformações que ocorrem neste período, por meio de intervenções corporais.

Os resultados encontrados e aqui apresentados não pretendem e nem devem ser generalizáveis, já que estes dependem da realidade de cada escola e dos adolescentes, como pôde ser verificado nos relatos e dados coletados nas duas escolas.

Elegemos o ambiente escolar como *locus* da coleta dos dados por ser de fácil acesso aos adolescentes e favorecer a adesão e participação destes nos grupos propostos. Porém recomendamos a necessidade de serem pensadas práticas voltadas a este público em outros espaços, tanto de saúde quanto comunitários, visando acessar a significativa parcela dessa faixa etária que se encontra desvinculada dos sistemas educacionais.

Acreditamos que este estudo fornece subsídios científicos para o desenvolvimento de mais estudos sobre a corporeidade dos adolescentes e suas repercussões ocupacionais no âmbito da terapia ocupacional, pois identificamos uma lacuna no que se refere à produção de conhecimento sobre as ocupações de adolescentes no contexto brasileiro.

As práticas corporais se mostraram como porta de acesso aos universos adolescentes e foram instrumentos potentes para a expressão dos participantes deste estudo. Também por meio destas práticas, foi possível esclarecer dúvidas referentes às transformações relatadas pelos adolescentes e favorecer a minimização de barreiras atitudinais, como a timidez. Assim, o próprio processo de pesquisa possibilitou o envolvimento e a adesão dos participantes.

Observamos que a corporeidade não é um tema de domínio dos adolescentes e entendemos o espaço escolar enquanto espaço potencial para promover discussões a esse respeito, pois consideramos benéficas e necessárias as reflexões conduzidas sobre este assunto junto a adolescentes, de modo a estimular o conhecimento e a percepção do próprio corpo e a compreensão da complexidade das transformações corporais e, conseqüentemente, ocupacionais.

Esta pesquisa possibilitou, também, explorar uma das facetas da terapia ocupacional no campo educacional, a partir da perspectiva ocupacional da educação. Diante dessa realidade encontrada, concebemos a escola como um espaço potencial para intervenções corporais de terapia ocupacional, para acessar os adolescentes que frequentam este contexto. Diante das demandas relacionadas à corporeidade, os terapeutas ocupacionais mostraram-se como profissionais que possuem amplo arcabouço de conhecimento teórico e prático para mediar reflexões junto a adolescentes, na perspectiva da integralidade de atenção à saúde. Vivências corporais assumem lugar de estratégia eficaz na promoção da reflexão para a tomada de consciência corporal pelos adolescentes, e, conseqüentemente, promoção do empoderamento destes em relação aos seus próprios corpos.

Destacamos, portanto, a importância da terapia ocupacional na criação de espaços de atenção aos adolescentes, proporcionando ações para que sejam socializados e discutidos assuntos ligados a este período e às vivências desta população, promovendo reflexões e, conseqüentemente, a diminuição de dúvidas, não somente em relação ao engajamento dos adolescentes nas suas ocupações, mas sobre todos os assuntos que permeiam essa fase, a fim de oportunizar sua participação e envolvimento de qualidade em suas ocupações nesta fase da vida.

Os resultados aqui descritos apresentam grande relevância quanto aos objetivos, mas é visível que se esta fosse uma ação com continuidade e fizesse parte do planejamento pedagógico da escola, os resultados seriam ainda mais evidentes. Isto significa que a presença efetiva e extensiva do terapeuta ocupacional na equipe escolar aponta para a efetivação dos pressupostos de uma educação para todos, com vistas à atenção integral aos adolescentes, uma vez que este profissional atuaria de forma contínua e não em ações pontuais como foi o caso desta pesquisa.

Referências

1. Eisenstein E. **Adolescência: definições, conceitos e critérios**. Adolescência e Saúde. 2005. 2(2): 6-7. Disponível em: http://adolescenciaesaude.com/imagebank/PDF/v2n2a02.pdf?aid2=167&nome_en=v2n2a02.pdf Acessado em: 08 de Abr. de 2016.
2. Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) et al. **O direito de ser adolescente: Oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades**. Brasília: Unicef, 2011. Disponível em https://www.unicef.org/brazil/pt/br_sabrep11.pdf Acessado em: 02 de maio de 2016.
3. Saito CM, Castro ED. **Práticas corporais como potência da vida**. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar. São Paulo. 2011, 19(2): 177-188. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/460/325>. Acessado em: 05 de Jun. de 2016.
4. Liberman F. **Delicadas coreografias: apontamentos sobre o corpo e procedimentos em uma terapia ocupacional**. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar. São Paulo. 2010. 18(1): 67-76. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/334/269> Acessado em: 08 de Abr. de 2016.
5. BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069**, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1990.
6. Ouvry O. **Corpo e novidade puberal**. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica. 2011. 14(2): 209-223. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982011000200004>
7. Almeida MVM. **Corpo e arte em Terapia Ocupacional**. Enelivros, 2004.
8. Beal SJ, Crockett LJ. **Adolescents' occupational and educational goals: a test of reciprocal relations**. Journal of Applied Developmental Psychology, 2013, 34: 219-229.
9. Martinelli SA. **A importância de atividades de lazer na terapia ocupacional**. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar. São Paulo. 2011. 19(1): 111-118. Disponível em: <http://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/429/317> Acesso em: 05 de Jun. de 2016.
10. Cavalcanti A, Dutra FCMS, Elui VMC. **Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo**. 3ª ed. Rev Ter Ocup Univ São Paulo; jan.-abr. 2015;26(ed. esp.):1-49. Tradução do original publicado pela American Occupational Therapy Association (2014). Occupational therapy practice framework: Domain and process (3rd ed.). American Journal of Occupational Therapy, 68(Suppl.1). DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26iespp1-49>
11. Davis J, Polatajko H. **Occupational development**. In C. Christiansen & E. Townsend (Eds.). Introduction to occupation: The art and science of living. Upper Saddle River, NJ: Pearson Education, Inc. 2004, p. 91-119.

12. Gil AC. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ed. São Paulo: *Atlas*, 2008.
13. Fonseca DC, Ozella S. **As concepções de adolescência construídas por profissionais da Estratégia de Saúde da Família (ESF)**. *Interface - Comunic., Saude, Educ.*. 2010. 14(33): 411-24. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v14n33/a14v14n33.pdf> Acesso em: 09 de agosto de 2016.
14. Aguiar WMJ, Ozella S. **Desmistificando a concepção de adolescência**. *Cad. Pesqui.* 2008. 38(133): 97-124. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742008000100005>.
15. Araújo AC et al. **Transição da adolescência para a fase adulta na ótica de adolescentes**. *Rev. enferm. UERJ*. 2011. 19(2): 280-285. Disponível em: http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:8eWEZtllzD8J:scholar.google.com/+Ara%C3%BAjo,+Adelita+Campos%3B+Lunardi,+Valeria+Lerch%3B+Silveira,+Rosemary+Silva+da%3B+Thofehn,+Maira+Buss%3B+Porto,+Adrize+Rutz.&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso em: 26 agosto de 2017.
16. Luckow HI, Cordeiro AFM. **Concepções de Adolescência e Educação na Atuação de Profissionais do CAPSi**. *Psicologia Ciência e Profissão*. 2017. 37(2): 393-403. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001432016>.
17. Schoen-Ferreira TH et al. **Adolescência através dos séculos**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2010. 26(2): 227-234. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>.
18. Yaegashi SFR, Gualda MM, Campigotto RMM. **A concepção de adolescência segundo os próprios adolescentes**. *Iniciação Científica Cesumar*. 2007. 4(2): 101-112. Disponível em: <http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/iccesumar/article/view/58/24> Acesso em: 26 agosto de 2017.
19. Braga PD, Molina MDCB, Figueiredo TAM. **Representações do corpo: com a palavra um grupo de adolescentes de classes populares**. *Ciênc. saúde coletiva*. Rio de Janeiro. 2010. 15(1): 87-95. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000100014>.
20. Frois E, Moreira J, Stengel M. **Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão**. *Psicologia em estudo*. 2011. 16(1): 71-77. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722011000100009>.
21. Campagna VN, Souza ASL. **Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina**. *Bol. psicol*, São Paulo. 2006. 56(124): 9-35. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432006000100003 Acessado em: 26 de agosto de 2017.
22. Lima EMFA, Canguçu DF, Moraes C, Inforsato EA. **Pacto adolescentes: arte e corpo na invenção de dispositivos em terapia ocupacional para produção de vida e saúde na adolescência**. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*. São Paulo. 2009. 20(3): 157-163. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v20i3p157-163>
23. Galheigo SM, Angeli AAC. **Terapia Ocupacional e o cuidado integral a saúde de crianças e adolescentes: a construção do Projeto ACCALANTO**. *Rev. Ter. Ocup. Univ.*

São Paulo. São Paulo. 2008. 19(3): 137-143. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v19i3p137-143>

24. Pennington V, Sharrott G. **The Developmental Tasks of Adolescence and the Role of Occupational Therapy**. Occupational Therapy in Health Care. 1985. 2(3):7 - 18. DOI: [10.1080/J003v02n03_03](http://dx.doi.org/10.1080/J003v02n03_03)

25. Drummond AF. **Participação de crianças e de adolescentes nas tarefas domésticas**. 2014. 125 f. 2014. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Ciências da Reabilitação)- Universidade Federal de Minas Gerias, Belo Horizonte. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9JUHQY/tese_adriana_drummond.pdf?sequence=1 Acesso em: 23 Ago. 2017.

26. Dias CS, Cruz JFA, Danish S. **O desporto como contexto para a aprendizagem e ensino de competências de vida: programas de intervenção para crianças e adolescentes**. Análise Psicológica. 2001. 19(1): 157-170. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18050/1/cruz,%20dias%20danish%20-%202001-%20ANAL%20PSICOL.pdf>>. Acesso em: 24 Ago. 2017.

27. Chaves ES. **Significações atribuídas ao cotidiano pelo adolescente pobre**. Journal of Human Growth and Development. 2001. 11(1): 68-79. DOI: <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.39671>

28. Oliveira MCSL, Pinto RG, Souza AS. **Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta**. Temas em Psicologia. 2003. 11(1): 16-27. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2003000100003 Acesso em: 23 Ago. 2017.

381

* Artigo derivado de Trabalho de Conclusão do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade do Estado do Pará (UEPA). A publicação é original e inédita e não está sendo avaliada por outro periódico. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, sob o parecer nº 1.827.618.

Contribuição das autoras: Débora Ribeiro da Silva Campos Folha: Orientação da pesquisa desde a concepção do projeto até a conclusão do trabalho; redação e revisão do texto final do artigo; formatação do artigo. **Emmanuelle Vale Araújo e Jéssica Auzier do Carmo:** concepção do projeto; realização da coleta de dados; concepção do texto; organização de fontes e/ou análises; formatação das referências do artigo.

Submetido em: 02/02/2018

Aceito em: 29/03/2018

Publicado em: 30/04/2018